

TIPOS DE TRAJETÓRIA DE TRABALHADORES DA INDÚSTRIA DE ÓLEO E GÁS: UM ESTUDO EMPÍRICO SOBRE FATORES HUMANOS E RESILIÊNCIA EM CONTEXTO INTERDISCIPLINAR

Hermílio Santos¹;

Karina Reif²;

Priscila Susin³;

Naida Menezes⁴;

Débora Rinaldi⁵

ABSTRACT

This investigation analyzed the life stories of offshore oil and gas workers in order to understand their motivations for entering and staying in this sector, as well as the resources mobilized by them to face this type of work routine. Thirty-one interviews were conducted in two offshore units operating in the Brazilian coast, a drilling unit, and a production unit. The method used for data collection and analysis was the Biographical Reconstructive Method. The results indicate that this type of analysis can provide us with important insights into the technical and non-technical knowledge used by workers in the face of the high degree of unpredictability and risk in offshore work processes.

Keywords: Biography; offshore; oil and gas; human factors; resilience.

RESUMO

Esta investigação analisou as histórias de vida de trabalhadores(as) *offshore* da indústria de óleo e gás com o objetivo de compreender suas motivações para a entrada e permanência no setor, bem como os recursos mobilizados para o enfrentamento deste tipo de rotina laboral. Foram conduzidas 31 entrevistas a bordo de duas unidades em operação na costa brasileira, uma de perfuração e outra de produção. O método utilizado para coleta e análise dos dados foi o Método Reconstutivo Biográfico. Os resultados apontam que este tipo de análise pode nos fornecer *insights* importantes acerca dos conhecimentos técnicos e não-técnicos utilizados pelos trabalhadores(as) diante do alto grau de imprevisibilidade e risco envolvidos nos processos de trabalho *offshore*.

Palavras-chave: Biografia; offshore; óleo e gás; fatores humanos; resiliência.

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUCR (Brasil); hermilio@pucrs.br.

² Pós-Doutoranda de Ciências Sociais na PUCRS (Brasil); karina.reif@pucrs.br.

³ Pós-Doutoranda de Ciências Sociais na PUCRS (Brasil); priscila.queirolo@pucrs.br.

⁴ Pós-Doutoranda de Ciências Sociais na PUCRS (Brasil); naida.goncalves@pucrs.br.

⁵ Doutoranda de Ciências Sociais na PUCRS (Brasil); dkleinrinaldi@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A indústria de óleo e gás offshore é caracterizada por processos produtivos ininterruptos sob condições de trabalho de extrema complexidade e risco. Além disso, os trabalhadores de ambos gêneros precisam adequar-se à rotina que envolve “confinamento”⁶ e super-estruturação, além de normatização de práticas que abrange tanto a vida pública quanto a vida privada (Leite, 2009). Esses e outros fatores tornam o campo muito suscetível a intempéries na área de segurança no trabalho. Diversos eventos como o acidente de Macondo⁷, com perdas humanas e grande impacto ambiental, mostram a relevância de investigações que observem não apenas aspectos de otimização produtiva e tecnológica, mas que lancem o olhar sobre as interlocuções entre sujeitos, tecnologias, artefatos e organização.

Pesquisas na área de fatores humanos e resiliência têm buscado, cada vez mais, reescrever a trajetória *taylorista* percorrida por boa parte dos estudos em segurança industrial. Esses estudos tinham como característica a identificação das “falhas” humanas como causa para incidentes e acidentes de trabalho. As pesquisas atuais, por outro lado, buscam desfazer esse paradigma ao apontar para os processos complexos e interativos que precisam ser observados em investigações desde tipo (Dekker, 2014). Além disso, têm-se cada vez mais reconhecido que a interdisciplinariedade é uma característica essencial para a produção de conhecimento e desenvolvimento na área. No estudo “Desmistificando Fatores Humanos: Construindo confiança a investigação de fatores humanos”, destacam-se temas como a importância de entender o desempenho humano para projetar plantas, ferramentas, por exemplo (IOGP, 2018). Nas ciências sociais e humanas, a resiliência pode ser compreendida como um processo dinâmico e relacional, um fenômeno que pode ser observado através das tomadas de decisão, das experiências e das ações dos sujeitos, seja de forma individual ou na interação com um grupo ou organização. Sob o ponto de vista sociológico, a resiliência em uma unidade social apresenta a disposição de conservação e transformação (adaptação) diante de novos contextos sem a perda de sua identidade (Endreß; Rampp, 2014).

⁶ Leite (2009) entende por “confinamento” o período em que os trabalhadores ficam embarcados e separados de sua vida civil, com pouco contato com familiares e amigos, e sob a tutela das regras organizacionais na unidade de trabalho offshore. Este período, no Brasil, pode ser de 14 dias para trabalhadores nacionais, mas pode variar para trabalhadores transnacionais.

⁷ Em 2010, a sonda Deepwater Horizon afundou depois de uma explosão no Golfo do México.

Nesse sentido, a partir da combinação de uma abordagem sistêmica (Parsons, 1991) com uma interpretativa (Schütz, 1962), a sociologia compreende a resiliência como estando fortemente vinculada a uma disposição para a ação. Essas ações, contudo, variam tanto em razão do ambiente, quanto do significado atribuído pelos sujeitos às experiências pregressas. Conforme os autores citados, no processo estão as dimensões de tempo, espaço, estrutura social, recursos interpretativos e conhecimento socialmente construído.

Partindo desta perspectiva sociológica, e tendo como campo empírico duas unidades *offshore* – uma de perfuração e outra de produção – no litoral do Brasil, esta pesquisa⁸ buscou compreender a história de vida de trabalhadores e como esta rotina de trabalho é vivenciada e interpretada pelos embarcados, dando especial enfoque às suas motivações para a entrada e permanência na indústria e no trabalho *offshore*, mas considerando também os diferentes recursos de enfrentamento utilizados diante de situações inesperadas, incidentes e acidentes durante sua história de vida mas, principalmente, no contexto de trabalho. Neste *paper* buscamos salientar que a história de entrada e permanência destes sujeitos na indústria de óleo e gás pode nos fornecer *insights* importantes acerca do conhecimento técnico e, principalmente, do conhecimento não-técnico que é parte dos processos de trabalho, enfrentamento e resiliência diante do grau de imprevisibilidade e risco enfrentados nos turnos de trabalho *offshore*.

A seguir, apresentamos um enquadramento teórico e metodológico para a pesquisa biográfica e uma concepção de resiliência que esteja adequada à abordagem interpretativa utilizada como base para nossa aproximação ao campo empírico. Em um segundo momento, mostramos o Método Reconstutivo Biográfico. Por fim, apresentamos os principais resultados e conclusões encontradas a partir da pesquisa de campo, na qual foram conduzidas 31 entrevistas por uma equipe de sociólogos e sociólogas que permaneceram embarcados por cerca de sete dias em cada unidade *offshore*.

2 RESILIÊNCIA E ABORDAGEM BIOGRÁFICA

Vimos que a resiliência, do ponto de vista sociológico, não pode ser assumida como sendo um fenômeno estático, ou seja, pode variar de acordo com o tipo de atividade principal

⁸ Este artigo é um recorte da abordagem sociológica contida no Projeto de Pesquisa e Desenvolvimento “Fatores Humanos e Engenharia de Resiliência em Operações Integradas”, realizado entre 2017 e 2019.

da organização, as experiências pregressas dos seus membros, assim como a maneira como se combina os elementos fundamentais da estrutura social. Com isso, a discussão sobre segurança e resiliência não poderá estar desacoplada da caracterização do ambiente e da rotina em que tais capacidades se desenvolvem. A análise da relação dos trabalhadores com o ambiente e com o tipo de trabalho *offshore* nos parece, portanto, um ponto central para a compreensão de fatores que têm influência sobre sua capacidade de transformação e adaptação diante de contextos altamente complexos, bem como da capacidade dos sujeitos e da organização de produzirem culturas organizacionais mais resilientes.

Com o objetivo de acessar as experiências e interpretações dos próprios sujeitos a respeito de sua relação com o trabalho e com a rotina *offshore*, a análise de histórias de vida foi adotada nesta investigação como abordagem adequada a uma aproximação interpretativa do campo empírico de pesquisa. O Método Reconstutivo Biográfico foi desenvolvido pela socióloga alemã Gabriele Rosenthal (2014) e fundamentado na ideia de que a coleta de dados precisa permitir que o sistema de relevância do entrevistado possa emergir em sua fala (Schutz, 1962), ou seja, que a fala do entrevistado não seja vinculada as necessidades de pesquisa do entrevistador. A análise, por sua vez, segue dando vazão à perspectiva do entrevistado, em que todos os fenômenos biográficos são compreendidos em sua interrelação, em sua processualidade e em sua dinamicidade. Do ponto de vista da adequação teórico-metodológica, o Método Reconstutivo Biográfico se mostrou pertinente aos objetivos desta pesquisa, como será mostrado a seguir.

Destacamos, primeiramente, a característica experiencial (interpretativa) e socialmente constituída (composto na interrelação de contextos pessoais e sociais, sem que possa haver uma hierarquização destas “realidades”) das vivências biográficas, e a interdependência dos eventos biográficos na corrente da história de vida (nenhum evento biográfico pode ser compreendido de forma adequada sem que se considere a totalidade de experiências anteriores de um sujeito) (Rosenthal, 2014). Considera-se, assim, no escopo da reconstrução biográfica, que as experiências são como formulações mais ou menos complexas de unidades de sentido. Essas unidades, igualmente oriundas de vivências anteriores, são produções interpretativas e, conseqüentemente, parte do estoque de conhecimento do sujeito. Para tanto, salientamos um dos pilares essenciais da abordagem biográfica reconstitutiva de

Rosenthal (2014), que é a noção de interdependência entre as diferentes partes da biografia, orientada pela teoria gestáltica conforme desenvolvida por Aron Gurwitsch (2009).

A partir deste referencial, cada parte da biografia só poderá ser compreendida em relação a sua função para todas as outras partes da estrutura geral biográfica. Portanto, quando alguém muda sua maneira de perceber algo, testemunha também uma mudança nos “dados” e a alteração nas funções atribuídas e nos detalhes do todo, mesmo que objetivamente eles não se submetam a nenhuma mudança. Ainda que seja apenas uma mudança na atitude mental, o objeto original desaparece, transformando-se em outro objeto. Além disso, a mudança não será restrita a apenas um detalhe da estrutura da Gestalt, pois todo o conjunto de detalhes é afetado devido às funções de cada parte serem intrinsecamente dependentes da estrutura total desta: todas as funções demandam uma a outra mutuamente, distinguindo-se daquelas concepções nas quais o total do conteúdo consciente, e mesmo o inconsciente, são apenas somas das partes que o compõem (Gurwitsch, 2009).

A consequência prática de tais preceitos, a partir da abordagem biográfica, é a análise processual de qualquer fenômeno de interesse. Em especial, destaca-se o conceito de *turning points* enquanto "momentos de reinterpretação" biográfica diante de situações inesperadas: diante de tais situações, o sujeito utilizaria justamente o seu “estoque de conhecimento” para lidar com adversidades onde, nesse processo, estaria a resiliência e também a transformação interpretativa a partir da integração de novas experiências ao estoque de conhecimento (Rosenthal, 2014; 2017).

A partir das entrevistas narrativas biográficas, estes momentos seriam analisados sempre no contexto de toda a biografia, justamente para compreendermos a gênese experiencial e sua transformação ao longo do tempo. A resiliência, portanto, seria um fenômeno observado dentro do caso concreto, considerando os momentos reinterpretativos inseridos no contexto de toda a biografia, e definindo sua caracterização a partir da construção de tipologias preocupadas com a temporalidade e, conseqüentemente, com uma noção não estanque das experiências e do próprio conceito de resiliência. Assim, sob o prisma biográfico, resiliência consiste nas diferentes possibilidades de resposta de sujeitos diante de situações inesperadas durante seu curso de vida. Tais respostas exigem uma reorganização do estoque de conhecimento a partir da incorporação dinâmica da nova experiência. A qualificação de uma

resposta como resiliente, portanto, só poderá ser compreendida a partir de sua apreensão no fluxo temporal de determinada biografia, e nunca separado dele.

Isso implica, igualmente, em uma compreensão do conceito de resiliência que diferente da ideia do fenômeno como uma capacidade no sentido binário do termo, ou seja, “ser ou não ser resiliente”. O conceito observado aqui tem relação com a mobilização de diversos recursos por parte dos sujeitos, que asseguram a sua adaptação, mas também sua conservação diante de situações problemáticas. Portanto, aquele comportamento considerado socialmente como desviante, ou até mesmo de risco, pode configurar uma importante estratégia de resiliência para os sujeitos em questão. Diante de tais discussões teóricas, bem como dos resultados alcançados a partir das análises tipológicas, foi possível observar que o fenômeno não pode ser compreendido a partir da capacidade ou não de resiliência (visto que ela se manifesta, também, na tomada de decisão dos sujeitos), e sim a partir da compreensão das consequências resultantes da mobilização de recursos, com efeitos (tanto positivos como negativos) nos sujeitos/indivíduos e no coletivo.

A possibilidade de identificar quais são os *turning points* (momento reinterpretativos) e qual o significado da resposta dos sujeitos a estas situações, deve necessariamente estar vinculada à compreensão da função que determinada parte possui em relação ao todo, e de que forma o todo biográfico compõe determinada parte. Reinterpretações configuram, portanto, a capacidade dos sujeitos de rever suas concepções, suas crenças e seus esquemas de ação, adaptando-se a novos contextos com novas formulações a partir do seu estoque de conhecimento.

3 MÉTODO RECONSTRUTIVO BIOGRÁFICO

O método de entrevista e reconstrução biográfica, desenvolvido pela socióloga alemã Gabriele Rosenthal (2014), na tradição da pesquisa social interpretativa, consiste na reconstrução da trajetória biográfica a partir da perspectiva do presente (sincrônica), bem como em retrospectiva às experiências passadas (diacrônica). A entrevista narrativa biográfica se divide em três etapas: a) pergunta inicial aberta sobre a história de vida do entrevistado; b) perguntas narrativas sobre os temas abordados pelo entrevistado em resposta à primeira

pergunta; c) perguntas externas a respeito de informações pontuais a serem esclarecidas. A primeira etapa consiste na solicitação, ao entrevistado, que conte sobre toda a sua história de vida, da maneira como julgar mais apropriada, levando o tempo que achar necessário. Pede-se que sejam considerados relatos desde o momento de seu nascimento, ou mesmo momentos anteriores, que ele tenha tido acesso através de relatos de outras pessoas. Pede-se, também, que fale sobre sua família antes do seu nascimento, incluindo história dos pais e dos avós, ou de pessoas consideradas como significativas para a história de vida do entrevistado.

Para a condução de entrevistas biográficas nesta pesquisa, a pergunta aberta utilizada pode ser descrita, conforme abaixo, com algumas variações, sem prejuízo do conteúdo e sentido:

Conte toda a sua história de vida, desde que você nasceu, ou mesmo antes disso, através de histórias que outras pessoas que relataram, e sobre a história da sua família. Tudo aquilo que lembrar e quiser contar. Nós temos todo o tempo que você quiser. Eu não irei lhe interromper neste primeiro momento, apenas escutá-lo e fazer algumas anotações, mas somente sobre o que você está falando. Quando achar que já compartilhou o que gostaria, irei fazer algumas perguntas sobre o que você contou.

Na segunda etapa de entrevista, tendo como referência as anotações feitas durante o relato inicial do entrevistado, e utilizando as chamadas “perguntas narrativas internas”, o pesquisador passa a abordar cada uma das temáticas mencionadas ao longo da resposta para a pergunta inicial. As perguntas narrativas são especialmente formuladas de modo a motivar o entrevistado a desenvolver, em maior detalhe, situações ou temáticas mencionadas anteriormente, seguindo a ordem de menção e, portanto, o sistema de relevância do entrevistado (considera-se, também, o vocabulário e a forma de expressão utilizados). Desta forma, é possível que o entrevistador desenvolva, junto ao entrevistado, todas as temáticas biográficas que foram considerados relevantes durante o relato inicial. A terceira etapa de entrevista tem início quando todos os temas mencionados pelo entrevistado foram retomados e aprofundados a partir de perguntas narrativas, consistindo em um momento de “perguntas externas”. As perguntas externas são uma oportunidade para que o pesquisador possa abordar questões que não foram mencionadas durante o relato inicial, mas que são do interesse da pesquisa.

A fase de análise e reconstrução, por sua vez, se dá em quatro passos estruturados: a) análise dos dados biográficos; b) reconstrução da vida narrada (interesse de apresentação e campo temático); c) reconstrução da vida vivenciada e; d) contraste entre vida narrada e

vivenciada. Segundo Rosenthal (2014), os tipos são construídos no caso particular com base na diferenciação entre estudos comparativos de contraste mínimo e contraste máximo. Enquanto o contraste mínimo considera casos reconstruídos que apresentam semelhanças a respeito do fenômeno pesquisado, o contraste máximo busca a maior diferença entre os casos. Diferentemente do que outras técnicas de construção de tipos possam defender, Rosenthal (2014) considera que um caso sempre representará um possível tipo do universo pesquisado, mesmo que ele possa nunca vir a se repetir. Nas palavras da autora, isso significa dizer que “um tipo abrange casos semelhantes e isso independe da frequência com que esses ocorrem. No processo de determinação da tipicidade de um caso, [...] sua regularidade não tem nenhuma relevância” (Rosenthal, 2014, p. 91). A generalização empírica que ganha importância na pesquisa interpretativa é, portanto, a teórica, visto que “determinante para a tipicidade de um caso são as regras que o produzem, que dão ordem à diversidade de partes” (Rosenthal, 2014, p. 91).

Tipos biográficos podem ser construídos a partir de diferentes níveis, como pessoal, familiar, organizacional, entre outros, sempre buscando responder à questão específica da investigação. Neste *paper*, mostramos o resultado do processo de construção de tipos de trajetórias biográficas em relação ao trabalho offshore. Foi realizado um total de 31 entrevistas de história de vida em duas unidades *offshore*, uma de perfuração e uma de produção de óleo e gás. A condução das entrevistas narrativas biográficas ocorreu com trabalhadores em funções de gerência (*middle managers*), incluindo supervisores de equipe, líderes, gerentes, OIM (*Offshore Installation Manager*), DPO (Operador de Posicionamento Dinâmico), pessoal de manutenção, *tool pusher* e fiscais. Após o procedimento de análise, foi possível identificar quatro tipos de trajetórias de trabalhadores na indústria de óleo e gás.

4 RESULTADOS

A partir das análises das 31 entrevistas de histórias de vida realizadas nas plataformas de perfuração e de produção de óleo e gás foram identificados quatro tipos de trajetórias biográficas relacionadas à entrada e permanência dos trabalhadores na indústria *offshore* de óleo e gás. A seguir, apresentamos de forma mais detalhada, esses tipos, embasando as análises nos dados empíricos coletados nas unidades *offshore* em diálogo com a literatura.

4.1 TIPO 1: TRABALHADORES COM TRAJETÓRIAS LIGADAS À INDÚSTRIA DE ÓLEO E GÁS E/OU NAVAL

Neste tipo, encontram-se biografias de trabalhadores⁹ que têm sua inserção no meio *offshore* fortemente propiciado pela transgeracionalidade laboral na família e/ou no território. Em outras palavras, os sujeitos vinculados a esse tipo têm, em geral, mais de um familiar – pai, tio, primo – inseridos de alguma forma no universo marítimo e/ou petrolífero. Esse universo engloba não apenas trabalhadores da indústria de petróleo e gás, mas profissionais que atuaram ou atuam em ambiente marítimo ou lacustre, com forte cultura portuária e naval (filhos de pescadores, por exemplo). As vivências em meio a essa cultura possibilitam que a opção do trabalho *offshore* seja facilmente identificada pelos sujeitos que compõem esse tipo de trajetória.

Entre as dimensões possíveis em relação a este tipo de trajetória, consideramos importante aprofundar duas: a primeira é a cultura naval e a interpretação emergente do mar como refúgio; a segunda é a trajetória marcada pelo fator fundante “petrolífero clássico”. A primeira refere-se a sujeitos que, entre o mundo da terra e o do mar apresentavam, desde a infância, uma percepção do mar como instável enquanto interação com o ambiente, mas fluído enquanto espaço de retiro da vida social. A segunda dimensão, o fator fundante “petrolífero clássico”, se concentra entre sujeitos que desde a infância circularam em ambientes frequentados por petrolíferos pertencentes às primeiras gerações de trabalhadores da indústria de óleo e gás do Brasil, de forma que, através dessas relações, passam a trabalhar nesse campo e adotar, desde jovem o estilo de vida dos petrolíferos. São abordados ainda temas como a migração desses sujeitos para o mundo *offshore* e a relação deles com as novas equipes de trabalhadores, ocorrendo, ao que tudo indica, certas rejeições e certos reforços em relação ao estilo de vida “petrolífero clássico” a partir de novos contextos culturais e econômicos.

Os sujeitos que integram este tipo ingressam na carreira com conhecimentos decorrentes da interação com familiares que já haviam desempenhado a mesma profissão, ou profissão similar. É comum, por exemplo, filhos acompanharem os pais, irmãos ou outros

⁹ As narrativas biográficas aqui referenciadas foram utilizadas de forma anônima, sendo alteradas algumas informações dos relatos para não identificar os entrevistados.

familiares em alguns momentos de seu trabalho, além de ouvirem, em casa, os relatos sobre o cotidiano profissional. O conhecimento à mão que dispõem sobre a profissão se modifica à medida que interagem com os colegas e à medida que novas tecnologias e paradigmas se apresentam na indústria de óleo e gás. Nesse processo, eles são atuantes na formação de um elo entre passado e presente, relatando experiências que contribuem para fortalecer a ideia de coletivo de trabalho e dos valores que compõe historicamente a profissão.

4.2 TIPO 2: TRABALHADORES PARA OS QUAIS A INDÚSTRIA DE ÓLEO E GÁS SE APRESENTA COMO UMA ALTERNATIVA MAIS RENTÁVEL

Este tipo se caracteriza por trabalhadores cujas funções são pouco valorizadas ou mal remuneradas em terra e, para quem, apesar de não ser a primeira opção, o meio *offshore* se tornou uma opção relevante em termos financeiros e como oportunidade de crescimento profissional. O tipo é formado por pessoas que, independentemente de sua formação ou de sua primeira opção profissional, escolhem a indústria de óleo e gás como um ramo promissor, especialmente pela remuneração. Destacamos nesse grupo, trabalhadores com formação de nível superior que, em busca de trabalho e bons salários, desafiaram-se a atuar em um cargo de nível médio, por exemplo, ou um profissional que já estava estabelecido em sua área e decide migrar para o *offshore* a fim de melhorar a renda.

Considerando as entrevistas biográficas realizadas, uma parte delas continha relatos e narrativas com grande semelhança em relação aos temas mencionados. Dentre elas, citamos, por exemplo, três profissionais com terceiro grau completo. Dois deles trabalhavam em suas áreas de formação e o terceiro em outros empregos. Todos decidiram fazer cursos técnicos em outras áreas para se estabelecer no ramo *offshore*.

Os indivíduos deste tipo, portanto, têm em comum em suas biografias a decisão de migrar de suas primeiras áreas de formação para o mercado *offshore*. Todos abandonaram as carreiras que tinham anteriormente e se especializaram, em nível técnico, para obter uma oportunidade no ramo do petróleo e gás. Outra especificidade desses sujeitos é a dificuldade econômica vivenciada durante a infância, ou então a queda de padrão financeiro. A interpretação dessa fase faz com que, na vida adulta, procurem trabalho motivados

principalmente pelo retorno salarial que garanta segurança e conforto. As entrevistas narrativas desses indivíduos apresentam ainda a mudança de espaço geográfico na juventude, incluindo cidade, estado ou país. Esse período de transição, em que tiveram que se adaptar, conferiu a eles uma facilidade de conviver e enfrentar o novo e o diferente.

4.3 TIPO 3: FATOR FINANCEIRO E *STATUS* PROFISSIONAL COMO MOTIVAÇÃO PARA A ATUAÇÃO NA INDÚSTRIA PARA PROFISSIONAIS COM FORMAÇÃO EM ÁREA PERTINENTE

Este tipo faz referência a trabalhadores que encontraram no meio *offshore* uma forma de desempenhar as formações escolhidas, garantindo *status* profissional¹⁰ e retorno financeiro. A necessidade por segurança ou retorno financeiro, bem como o prestígio que a profissão emerge, dentro e fora da área do petróleo e gás, somada a uma trajetória de vida marcada por diferentes experiências que comprometeram a autoestima, são os fatores vinculantes entre os diferentes casos aqui reconstruídos para a formação deste tipo.

Compuseram o tipo 3 de trajetória profissionais com formação superior, sendo que alguns deles iniciaram na área petrolífera logo após a conclusão dos estudos, enquanto outros tiveram sua inclusão após outras breves passagens pelo mercado de trabalho. Todos iniciaram sua trajetória profissional entre os 20 e 30 anos. Embora não tenham realizado a escolha pelo curso superior com o objetivo de ingressar na área petrolífera, ao tomarem conhecimento desse mercado, passaram a investir numa candidatura na área.

Experiências relacionadas ao contexto socioeconômico da família, como também as relações afetivas no seio familiar demonstraram ser decisivas para a escolha profissional, bem como a maneira como os sujeitos atualmente interpretam e apresentam a sua atividade em alto mar. Para compreendermos, portanto, o processo, pelo qual essas interpretações surgiram e se desenvolveram no tempo, vamos apresentar e discutir, a seguir, as influências do contexto socioeconômico familiar sobre suas biografias, a forma como realizaram suas escolhas

¹⁰ Em linhas gerais, o status social e profissional se encontram diretamente relacionados. Por isso, compreendemos por status social assim como status profissional tanto a estima como o desprezo que indivíduos manifestam sobre outros indivíduos ou grupos sociais, especialmente em virtude da posição que ocupam na estrutura social a partir de critérios socioeconômicos referentes às ocupações (Ollivier, 2009).

profissionais, a função do *status* profissional no enfrentamento de frustrações vivenciadas nas relações familiares e de que forma esse *status* é assegurado por uma apresentação positiva da área de atuação profissional.

A insegurança financeira na trajetória biográfica e nas relações familiares é uma das experiências convergentes entre os entrevistados. A interpretação dessas vivências teve efeito nas escolhas profissionais e busca por reconhecimento social, bem como no fortalecimento da autoestima por meio do trabalho. Dessa forma, foi possível observar que a busca por reconhecimento social já se manifestava nas experiências de sucesso no ambiente escolar e acadêmico. O ponto alto dessa experiência positiva profissional ocorre com a entrada desses trabalhadores no mercado do petróleo e gás. A sua permanência na área se caracteriza pelos ganhos monetários, mas principalmente pelo *status* e reconhecimento profissional e social que o seu envolvimento no ambiente *offshore* proporciona, tanto dentro como fora desse mercado.

4.4 TIPO 4: TRABALHADORES PARA QUEM A ENTRADA NA INDÚSTRIA NÃO FOI PLANEJADA, MAS QUE SE TORNOU UM ESTILO DE VIDA DESEJÁVEL

Neste tipo, estão contempladas as trajetórias de trabalhadores que não planejaram de forma sistemática sua entrada no meio *offshore*, mas para quem surgiram oportunidades de inserção que, posteriormente, se tornaram desejadas e apreciadas, tanto pelo estilo de vida, considerando especialmente a dimensão espaço-temporal de embarque e desembarque, quanto pelo fator financeiro.

Nas últimas décadas, devido ao crescente desenvolvimento do trabalho *offshore* no Brasil, ocorreu um aumento da oferta de cargos de trabalho neste setor. Estes cargos, no entanto, guardam suas especificidades quando são realizados em plataformas marítimas de exploração ou produção de óleo e gás. A legislação específica, o ambiente de relativo isolamento, a possibilidade de ser um profissional transnacional, são algumas das características com as quais os profissionais devem lidar. Esse tipo de profissional se apresenta como parte de uma configuração social específica, caracterizada pela presença de arranjos familiares diversos, formas de sociabilidade que englobam o tempo embarcado e, profissionalmente, o aprendizado de regras, condicionamentos e técnicas específicas relacionadas ao ambiente *offshore*.

Os trabalhadores entrevistados que formam esse tipo não apenas se apresentam como “adaptados” a este “estilo de vida”, mas também desenvolvem apreço e desejo pelas formas de convivência que a rotina de trabalho *offshore* “impõe”. Apesar das dificuldades enfrentadas, e da própria gênese da adaptabilidade ao universo do embarcado, estes sujeitos encontram-se em relativa estabilidade com as mudanças temporais e relacionais, tendo desenvolvido rotinas *onshore* e *offshore* em significativa sintonia com as exigências do regime de trabalho que desenvolvem.

Este tipo de trajetória, portanto, apresenta a mobilidade como projeto de vida e, sem que tenha sido racionalmente planejado, a materialização de tal projeto através da entrada na indústria de óleo e gás. Salienta-se que o planejamento pela mobilidade não perpassava necessariamente uma racionalidade, nem mesmo a estrutura exata que caracteriza o trabalho *offshore*; o desejo pelo regime de trabalho e pelo fator financeiro como possibilitador da mobilidade, elementos que comporiam um “estilo de vida de embarcado”, só passam a fazer sentido e serem integrados – ao menos manifestamente – após a entrada destes sujeitos na indústria de óleo e gás. Aqui reside o elemento “não planejado”, e a posterior “desejabilidade” pelo que passou a compor, manifestamente, um “estilo de vida”.

5 CONCLUSÕES

A escolha pelo trabalho *offshore*, do ponto de vista biográfico, não pode ser compreendido como aleatório ou mesmo desconectado de fatores psicossociais mais amplos. Também não é possível desconectá-la dos diferentes recursos que tenderão a ser mobilizados pelos trabalhadores em seu enfrentamento da rotina de trabalho, da instabilidade e dos riscos que o meio *offshore* oferece. As abordagens de pesquisas biográficas possibilitam articular a singularidade dos sujeitos com a totalidade social. Também mostram o que as histórias oficiais não revelam, como as particularidades da vida humana em um contexto histórico marcado pelo rearranjo do mundo do trabalho (Trindade; Maders; Savanhago; Coutinho, 2020).

Neste *paper* exploramos, de forma breve, o encadeamento de experiências de vida que levaram trabalhadores e trabalhadoras e se inserirem e permanecerem na indústria de óleo e gás

e, mais especificamente, no trabalho de prospecção e produção em alto mar. Algumas conclusões, ainda que iniciais, podem ser delineadas a partir do conteúdo apresentado.

Em primeiro lugar, é possível afirmar que as ciências sociais e humanas e, em especial, a sociologia, têm muito a contribuir para os estudos na área de fatores humanos e resiliência. Abordagens qualitativas e interpretativas como o Método Reconstutivo Biográfico podem oferecer um novo enquadramento epistemológico importante para a compreensão das vivências laborais a partir da perspectiva dos próprios trabalhadores. Políticas e práticas organizacionais que dão conta de assimilar tais perspectivas poderão desfrutar de uma adequação maior entre elementos normativos e as experiências substantivas, ou seja, um diferencial menor entre norma e experiência.

Em segundo lugar, a sociologia interpretativa também foi capaz de oferecer uma conceitualização de resiliência que abre novos canais de reflexão entre as ações dos sujeitos e seu possível impacto sobre a geração de culturas de segurança mais sustentáveis. Na medida em que as organizações se dispõem a sair de uma compreensão de resiliência pautada em preceitos da física, caracterizada pela maleabilidade, tolerância a mudanças e a situações não desejadas, e passam a observar a resiliência enquanto fator relacional entre sujeitos e organizações, poderão oferecer dispositivos que capacitem, permitam e favoreçam que os trabalhadores utilizem seu estoque de conhecimento de forma mais efetiva. Ao conhecermos os diferentes contextos biográficos, e de conhecimento técnico e tácito dos trabalhadores, pudemos identificar recursos específicos que já existem na organização. Políticas e práticas poderão se beneficiar de forma mais proveitosa dos conhecimentos já presentes, adequando-os, alocando-os e disseminando-os de forma mais efetiva nos diferentes processos e espaços de trabalho.

6 AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi realizado com apoio da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis, Brasil (ANP) associado ao investimento de recursos oriundos das Cláusulas de P,D&I - Regulamento nº 03/2015 (processos: 2016/00187-1 e 2019/00105-3).

7 REFERÊNCIAS

Gurwitsch, Aron. (2009). The Collected Works of Aron Gurwitsch (1901-1973): Volume I: Constitutive Phenomenology in Historical Perspective. Springer Science & Business Media.

Dekker, Sidney. (2014). Safety differently: human factors for a new era. CRC Press.

Endreß, M.; Rampp, B. (2014). Resilienz als Prozess transformatier Autogenese. Schritte zu einer soziologischen Theorie. Behemonth 7, p.73-102.

Gurwitsch, A. (2009). The Collected Works of Aron Gurwitsch (1901-1973) – Vol. II. Studies in Phenomenology and Psychology. New York: Springer.

IOGP. International Association of Oil & Gas Producers. (2018). Desmistificando Fatores Humanos: Construindo confiança na investigação de fatores humanos. IOGP Report 621.

Leite, Rose Mary. 2009. Vida e trabalho na indústria de petróleo em alto mar na Bacia de Campos. Ciência e Saúde Coletiva, 14(6).

Ollivier, Michèle. (2009). Status em sociedades pós-modernas: a renovação de um conceito. Lua Nova, v. 9, p. 41-71.

Papalia, D.E.; Olds, S. W.; Feldman, R. D. (2006). Desenvolvimento humano. Artmed Editora.

Parsons, T. (1991). The Social System. Psychology Press.

Rosental, Gabriele. (2017). História de Vida Vivenciada e História de Vida Narrada. Pesquisa social interpretativa: uma introdução. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Rosenthal, G. (2014). Pesquisa Social Interpretativa: Uma Introdução. Traduzido do alemão por Tomas da Costa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 5 ed.

Schutz, A. (1962). Collected Papers I – The Problem of Social Reality. The Hague: Martinus Nijhoff.

Trindade, C.; Maders, T.; Savanhago, L.; Coutinho, M. (2020).
PERSPECTIVAS EN PSICOLOGÍA – Vol. 17 - Número 1. pp. 10-20.